

est. 1340, 450 m; est. 1343, 450 m). BULLIS & THOMPSON, 1965 - "Combat": Extremidade meridional da Flórida (est. 447, 540 m). LEMAITRE, 1984 - "Bellows": Antilhas (Banco Cay Sal, est. 79-3; est. 79-7; est. 79-12, entre 408 e 471 m).

Observações - Espécie muito semelhante à *M. affinis* e *M. stimpsoni*. Distingue-se destas, por possuir carapaça com linhas transversais perladas: "minutely beaded, rather than spinose", segundo CHACE (1942: 65-66). Os exemplares das estações 206 e 219, do "Blake", são sintipos de *M. stimpsoni*.

Munida flinti Benedict, 1902
(fig. 27)

Munida Stimpsoni A. Milne-Edwards, 1880: 47 [part.]- A. Milne-Edwards & Bouvier, 1897: 48 [part.], pl. 4, fig. 1.

Munida stimpsoni.- Henderson, 1888: 126, pl. 14, fig. 1.- Moreira, 1901: 83.- Coelho & Ramos, 1972: 172.- Coelho, Ramos & Melo, 1990: 25.

Munida flinti Benedict, 1902: 258, fig. 9.- Chace, 1942: 57.- Springer & Bullis, 1956: 15.- Pequegnat & Pequegnat, 1970: 130.- Takeda, 1983: 87.- Melo-Filho, 1992: 49, fig. 30-37.- Melo-Filho & Melo, 1992b: 765, fig. 15-16.

Diagnose - Carapaça com bordas levemente arqueadas. Espinho orbital externo seguido por 4 espinhos laterais. Área gástrica com 1 par de espinhos epigástricos e outro par protogástrico, em linha com o precedente. Um espinho paraepático de cada lado da carapaça. Regiões branquiais anteriores desarmadas. Um espinho pós-cervical de cada lado da carapaça. Um espinho no sulco mesocardíaco. Margem posterior da carapaça armada com um par de espinhos. Linhas transversais da carapaça contínuas e pouco marcadas. Segundo, terceiro e quarto tergitos abdominais com a margem anterior armada. Quarto tergito pode possuir, também, 1 espinho na margem posterior. Pedúnculo antenular com espinho terminal interno mais longo do que o externo, com 2 espinhos curtos na margem lateral externa. Pedúnculo antenal com segundo segmento armado com 1 espinho distal externo; outros segmentos desarmados. Terceiro maxilípodo com 1 espinho na margem ventral do meropodito. Esterno desarmado.

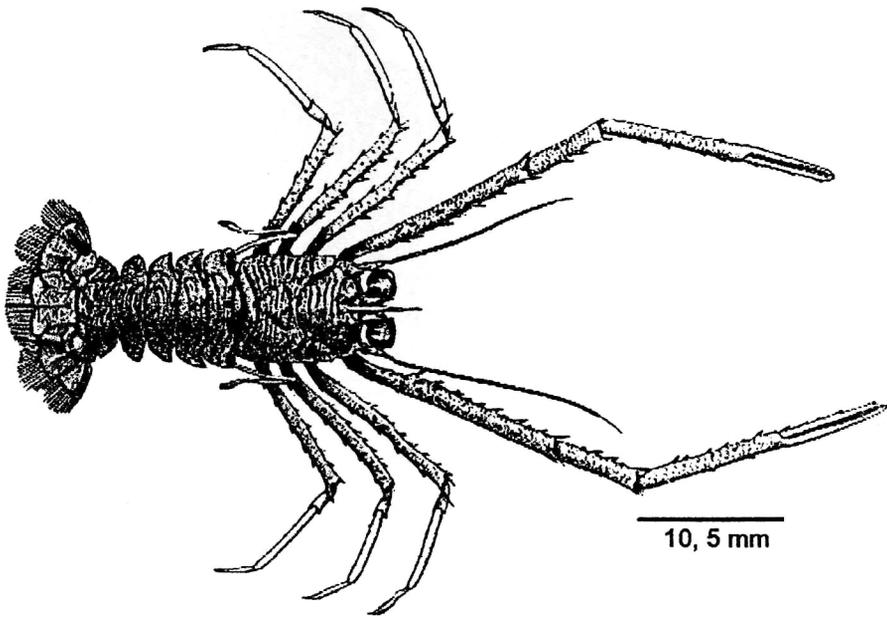


Figura 27 - *Munida flinti* (Fonte: BENEDICT, 1902: 259, fig., 9, sítipo).

Distribuição geográfica e batimétrica - Atlântico Ocidental: Golfo do México (costas norte e sul), Antilhas (Grenada), Guianas, Brasil (AL, ES, RJ, SP, PR, SC e RS), Uruguai (ao norte do Rio da Prata). Coletada entre 11 e 315 metros; o HMS "Challenger" (est. 122, AL), coletou um exemplar a 630 metros de profundidade.

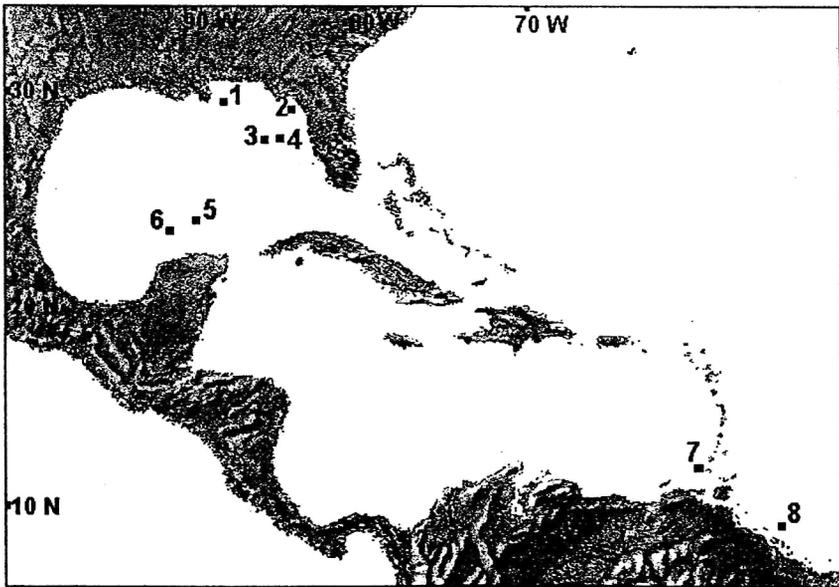


Figura 28 - Área de distribuição geográfica de *M. flinti*: 1., 2. e 5. "Alaminos" (3 est.); 3. "Albatross" (3 est., loc.-tipo); 4. "Oregon" (1 est.); 6. e 7. "Blake" (2 est.); 8. "Nisshin-Marui" (1 est.).

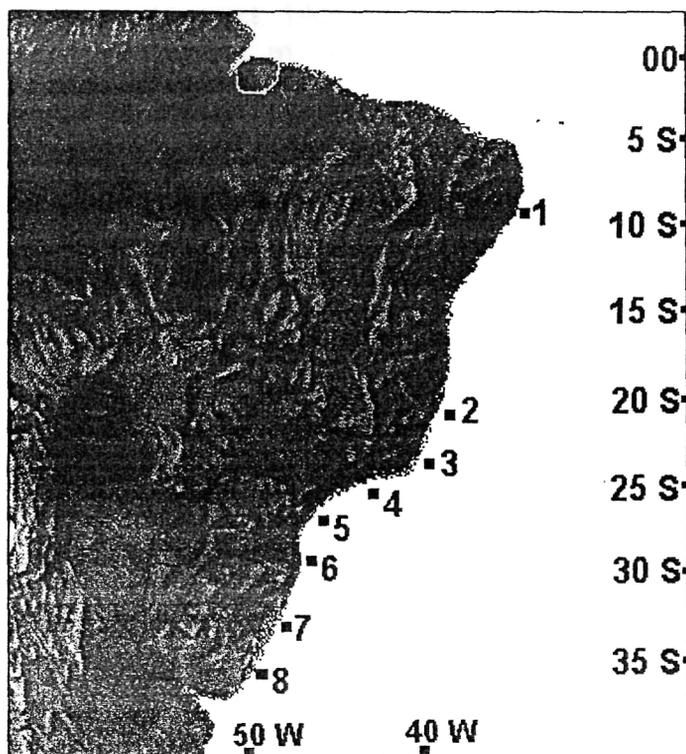


Figura 29- Área de distribuição geográfica de *M. flinti* (continuação): 1. "Challenger" (AL, 1 est.); 2. "Prof. W. Besnard" (ES, 1 est.); 3. "Emília" (RJ, 1 est.); 4. "Prof. W. Besnard" (SP, 5 est.) e "Riobaldo" (SP, 1 est.); 5. "Prof. W. Besnard" (PR, 1 est.); 6. "Prof. W. Besnard" (PR, 2 est.); 7. "Atlântico Sul" (RS, 9 est.) e "Prof. W. Besnard" (RS, 33 est.); 8. "Prof. W. Besnard" (Uruguai, 5 est.).

Ocorrências - BENEDICT, 1902 - "Albatross": Norte do Golfo do México (est. 2402, 200 m; est. 2403, 158 m; est. 2404, 108 m, loc.-tipo). CHACE, 1942 - "Blake": Sul do Golfo do México (est. 36, 151 m) e Antilhas (Grenada, est. 262, 166 m). SPRINGER & BULLIS, 1956 - "Oregon": Sul do Golfo do México (est. 920, 144 m). PEQUEGNAT & PEQUEGNAT, 1970 - "Alaminos" Norte do Golfo do México (est. 68A78A, 191m; est. 69A1342, 180 m; est. 69A1343, 207 m). TAKEDA, 1983 - "Nisshin-Marú": Guianas (173-220 m). MELO-FILHO, 1992 - "Atlântico Sul": Brasil (RS, 9 est., 119-250 m, obs: várias estações, com numeração repetida em diferentes projetos); "Challenger": Brasil (AL, est. 122, 630 m); "Emília": Brasil (RJ, est. 254, 11 m); "Prof. W. Besnard": Brasil (ES, est. 52, 19 m. SP, est. 1010, 129 m; est. 1022, 138 m; est. 1049, 134 m; est. 1147, 57 m; est. 1262, 120 m. PR, est. 1281, 135 m; est. 1282, 268 m. SC, est. 1049, 170-173 m; est. 1176, 141 m; est. 1283, 137 m; est. 1291, 120 m; est. 2270, 139 m; est. 2641, 141 m. RS, est. 285, 92 m; est. 296, 200 m; est. 302, 115 m; est. 306, 179 m; est. 359, 133 m; est. 374, 148 m; est. 380, 170 m; est. 428, 153 m; est. 429, 92 m; est. 436, 147 m; est. 437, 198 m; est. 442, 130 m; est. 449, 182 m; est. 457, 112 m; est. 458, 200 m; est. 539, 138 m; est. 541, 219 m; est. 554, 154 m; est. 561, 124 m; est. 1656, 173 m; est. 1664, 200 m; est. 1680, 130 m; est. 1691, 132 m; est. 1692, 194 m; est. 1695, 188 m; est. 1701, 117 m; est. 1702, 177 m; est. 1708, 200 m; est. 1722, 135 m; est. 1758, 197 m; est.

1887, 16 m; est. 1908, 180 m; est. 1909, 184 m.) e Uruguai (est. 279, 154 m; est. 396, 155 m; est. 473, 138 m; est. 576, 154 m; est. 1883, 175 m.); "Riobaldo": Brasil (SP, est. 102, ?m).

Observações - *M. flinti* distingue-se das espécies próximas (*M. benedict*, *M. stimpsoni* e *M. striata*), por possuir apenas o segundo segmento do pedúnculo antenal armado. Além disso, possui carapaça com linhas transversais contínuas, pouco marcadas, e pedúnculo antenular com segmento distal relativamente curto. A espinulação da carapaça e abdome é extremamente variável (MELO-FILHO, 1992). Segundo CHACE (1942), os exemplares de *M. flinti* das estações 16 e 262, do US "Blake", são síntipos de *M. stimpsoni*. Todas as citações desta última espécie para a costa brasileira, de acordo com MELO-FILHO & MELO (1992b), referem-se, na verdade, a *M. flinti*.

Munida forceps A. Milne-Edwards, 1880
(fig. 30)

Munida forceps A. Milne-Edwards, 1880: 49.- A. Milne-Edwards & Bouvier, 1897: 28, pl. 2, fig. 8.- Benedict, 1902: 307.- Chace, 1942: 39, fig. 15.- Springer & Bullis, 1956: 15.- Bullis & Thompson, 1965: 9.- Pequegnat & Pequegnat, 1970: 131, fig. 5-2.- Wenner, 1982: 361.- Takeda, 1983: 88.- Abele & Kim, 1986: 35, fig. a, p. 403.- Melo-Filho & Melo, 1992b: 768, figs. 18-24.- Rambla, 1995: 98, fig. 2

Diagnose - Carapaça com bordas levemente arqueadas. Espinho orbital externo seguido por 5 espinhos laterais. Área gástrica com fileira transversal de fortes espinhos epigástricos. Um espinho paraepático de cada lado da carapaça. Regiões branquiais anteriores armadas com 1 espinho. Um espinho pós-cervical de cada lado. Restante da carapaça desarmada. Segundo tergito abdominal com a margem anterior armada. Outros tergitos desarmados. Pedúnculo antenular com espinho terminal externo muito mais longo do que o interno. Pedúnculo antenal com o primeiro e o segundo segmento armados. Terceiro maxilípodo com 2 espinhos na margem ventral do meropodito. Quelas caracteristicamente longas e muito fortes. Esterno desarmado.

Distribuição geográfica e batimétrica - Atlântico Ocidental: Virgínia, Flórida (costa leste tropical), Golfo do México (costas norte e sul), Antilhas (costa norte de Cuba), Caribe (costa continental: México e Venezuela), Guianas, Brasil (AL, ES, RJ, SC, RS) e Uruguai (ao norte do Rio da Prata) Coletada entre 73 e 426 metros. Porém, o exemplar coletado em Alagoas ("Challenger", est. 122), foi dragado a 630 m. Outro espécime, foi coletado a 950 m, na costa do Rio Grande do Sul (MELO-FILHO, 1992).

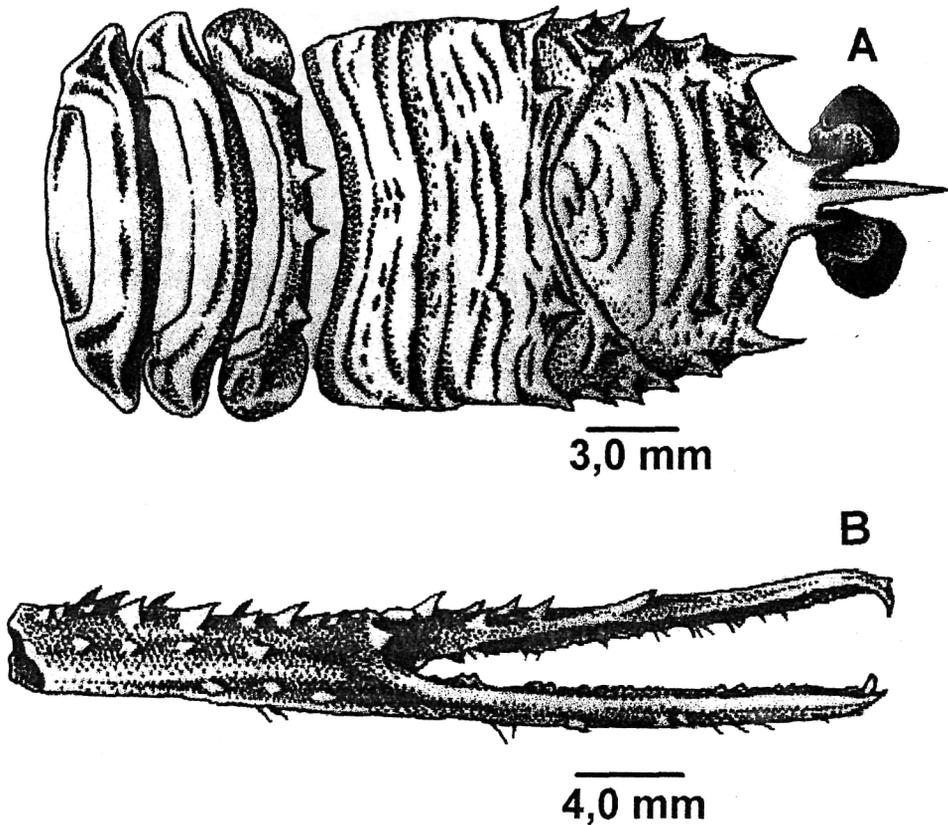


Figura 30 - *Munida forceps*: A. Carapaça e tergitos abdominais; B. Quela direita (Fonte: MELO-FILHO & MELO, 1992 b: 769, figs. 18 e 20).

Ocorrências - A. MILNE-EDWARDS, 1880 - “Blake”: Sul do Golfo do México (“Alacran Reef”, est. 36, 151 m, loc.-tipo). CHACE, 1942 “Atlantis”: Costa norte de Cuba (est. 3419, 324 m). SPRINGER & BULLIS, 1956 - “Oregon”: Norte do Golfo do México (est. 27, 189 m; est. 36, 216 m; est. 265, 182 m; est. 332, 94 m). BULLIS & THOMPSON, 1965 - “Combat”: Flórida (costa leste tropical, est. 441, 333 m; est. 453, 333 m; est. 458, 324 m). PEQUEGNAT & PEQUEGNAT, 1970 - “Alaminos” Nordeste do Golfo do México (est. 67A510B, 99 m; est. 68A78C, 200 m; est. 69A1342, 180 m); Noroeste do Golfo do México (est. 69A1345, 81 m). WENNER, 1982 - Virgínia (“Norfolk Canyon”, 252 m, 1 ex.). TAKEDA, 1983 - “Nisshin-Maru”: Guianas (? est, 73-270 m). MELO-FILHO, 1992 - “Atlântico Sul”: Brasil (SC, Talude est. 20, 176m; RS, PC/Belap est. 5; RS, Talude est. 10, 300m) “Challenger”: Brasil (AL, est. 122, 630 m); “Coleção IPS”: Brasil (Santos, 70-270 m); “Marion Dufresne”: Brasil (ES, est. 53, 360 m); “Mestre Gerônimo” (RS, 29° 5’S: 47° 30’W, 250 m); “Prof. W. Besnard”: Brasil (RJ, est. 1010, 129m. SP, est. 5366, 240m; est. 5368, 250m. SC, est. 1282, 268m. RS, est. 419, 178m; est. 449, 182m; est. 568, 129m; est. 1655, 950m; est. 1708, 200m; est. 1758, 197m; est. 1909, 184m.); Uruguai (ao norte do Rio da Prata, est 465, 338m).

ESCOBAR-BRIONES & SOTO, 1993 - "Exp. Edwin Link": México (Canal de Cozumel). RAMBLA, 1995 - "Dr. Fridtjof Nansen": Venezuela (est. 1093, 396-426 m, *error*?, ver observações).

Observações - *M. forceps* é uma espécie facilmente identificável, por possuir quelas longas e muito fortes. Outra característica diagnóstica, é a granulação presente nas coxas do terceiro e quarto pares de patas ambulatórias. Segundo RAMBLA (1995) *M. forceps* e *M. valida* foram coletadas na estação 1093 do NOc. "Dr. Fridtjof Nansen". Entretanto, os dados fornecidos por este autor (RAMBLA, *op. cit.*), para a estação 1093, na página 98 diferem completamente dos dados, referentes à mesma estação, da página 101.

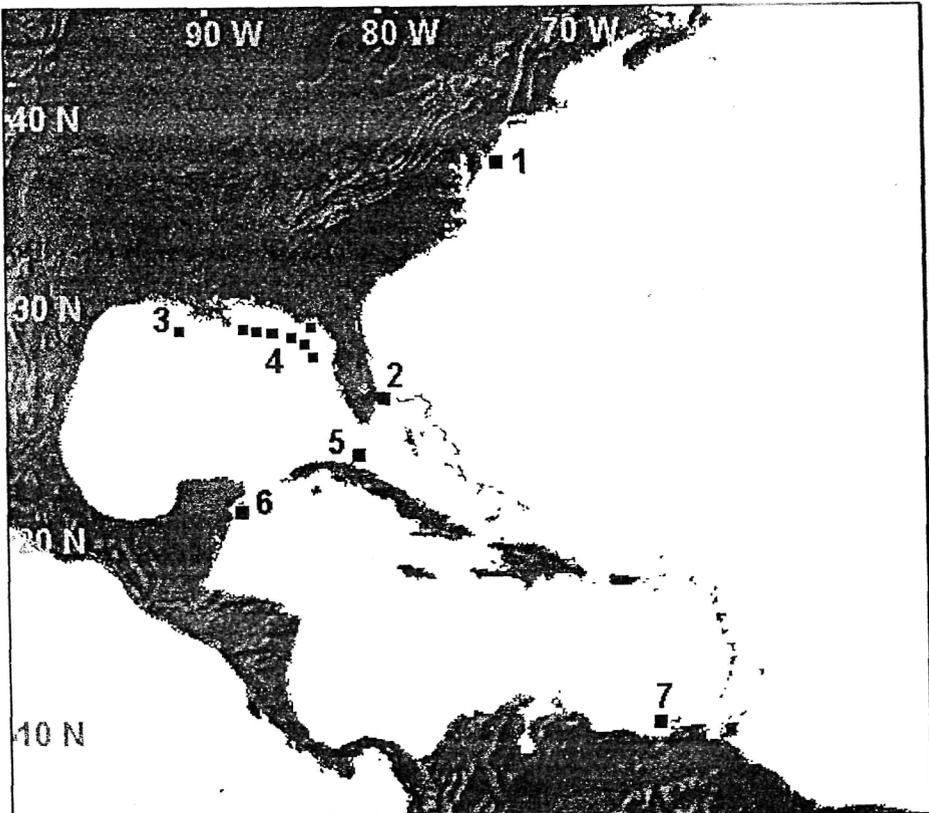


Figura 31 - Área de distribuição geográfica de *M. forceps*: 1. "?" (Virgínia, "Norfolk Canyon", ? est.); 2. "Combat" (3 est.); 3. "Alaminos" (1 est.); 4. "Alaminos" (3 est.) e "Oregon" (4 est.); 5. "Atlantis" (1 est.); 6. "Exp. Edwin Link" (? est.); 7. "Dr. Fridtjof Nansen" (1 est.).

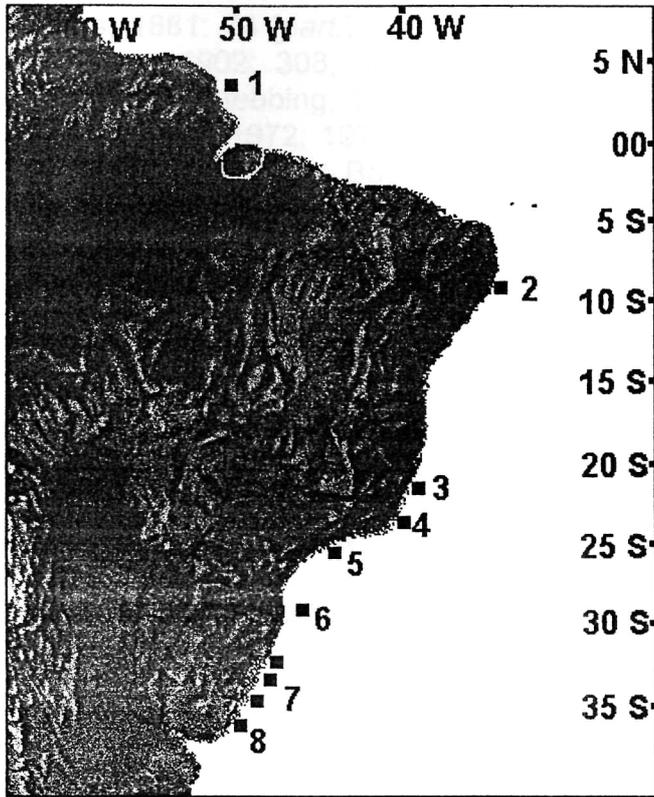


Figura 32 - Área de distribuição geográfica de *M. forceps* (continuação): 1. "Nisshin-Marui" (? est.); 2. "Challenger" (AL, 1 est.); 3. "Marion Dufrèsne" (ES, 1 est.); 4. "Prof. W. Besnard" (RJ, 1 est.); 5. "Col. IPS" (SP, ? est.) e "Prof. W. Besnard" (SP, 2 est.); 6. "Atlântico Sul" (SC, 1 est.) e "Prof. W. Besnard" (SC, 1 est.); 7. "Atlântico Sul" (RS, 1 est.), "Mestre Gerônimo" (RS, ? est.) e "Prof. W. Besnard" (RS, 7 est.); 8. "Prof. W. Besnard" (Uruguai, 1 est.).

Munida gregaria (Fabricius, 1793)
(fig. 33)

Galathea gregaria Fabricius, 1793: 473.

Grimotaea gregaria.- Leach, 1820: 50.

Galathea subrugosa White, 1847: 66.

Munida subrugosa.- Dana, 1852: 479, pl. 30, fig. 7.- Miers, 1874: 3, pl. 3, fig. 2.- Thomson, 1898: 194.- Benedict, 1902: 314.- Ortmann, 1911 : 659.- Stebbing, 1914: 347.- Rayner, 1935: 225.- Haig, 1956a: 38, fig. 10.- 1973: 274.- Retamal, 1973: 13, figs. 14-16.- 1977: 26, fig. 13.- 1981: 22.- Scelzo, 1973: 162.- Boschi, Iorio & Fischbach, 1981: 242 [= *M. gregaria* forma bëntica].

Munida gregaria. - Miers, 1881: 73 [part.]- A. Milne-Edwards, 1891: 32, pl. 2, figs 1, 1a-c.- Benedict, 1902: 308, figs. 45-46.- Ortmann, 1911 : 659.- Doflein & Balls, 1913: 33.- Stebbing, 1914: 346.- Rayner, 1935: 230.- Haig, 1956a: 36, fig. 9.- Williams, 1972: 197, figs. 1-3.- Retamal, 1973: 12, figs. 11-13.- 1977: 24, fig. 12.- 1981: 22.- Boschi, Iorio & Fischbach, 1981: 243.- Takeda & Hatanaka, 1984: 11.- Jillet & Zeldis, 1985: 609. [= *M. gregaria* forma pelágica].

Diagnose -

Forma pelágica - Carapaça com bordas paralelas. Espinho orbital externo pouco desenvolvido, seguido por vários espínulos laterais. Área gástrica com 1 par de espinhos epigástricos. Primeira linha transversal protogástrica com fileira de espínulos. Um espinho paraepático de cada lado da carapaça. Regiões branquiais anteriores armadas com 1 espínulo de cada lado. Quatro espínulos pós-cervicais. Rostro forte, curto, espínulado e com base larga. Espinhos supra-oculares curtos, não atingindo a margem proximal da córnea. Olhos com córneas pequenas, globosas e com pedúnculos longos. Segundo, terceiro e quarto tergitos abdominais com a margem anterior espínulada. Pedúnculo antenular com espinho terminal interno mais longo do que o externo. Terceiro maxilípodo com meropodito desarmado.

Forma bântica [= *M. subrugosa*] - Carapaça com bordas arqueadas. Espinho orbital externo forte, seguido por 6 espinhos laterais. Área gástrica com 2 pares de espinhos epigástricos. Regiões hepáticas e branquiais anteriores desarmadas. Quatro espinhos pós-cervicais. Rostro longo. Espinhos supra-oculares atingindo, ou ultrapassando, a margem proximal da córnea. Olhos com córneas bem desenvolvidas, reniformes e com pedúnculos relativamente curtos. Segundo, terceiro e quarto tergitos abdominais com a margem anterior armada com espinhos. Pedúnculo antenular com espinho terminal interno mais longo do que o externo. Terceiro maxilípodo com meropodito armado.

Distribuição geográfica e batimétrica -

Forma pelágica - Círculo subantártico: Setor Atlântico (Argentina, até a Província de Buenos Aires; Estreito de Magalhães; Terra do Fogo; Ilhas Falkland). Setor Pacífico (Chile, até Chiloé; Nova Zelândia). Ocorre na superfície (0 metros) e na coluna d'água, até 934 metros de profundidade.

Forma bântica [= *M. subrugosa*] - Círculo subantártico: Setor Atlântico (Sul do Uruguai, Estreito de Magalhães, Terra do Fogo, Ilhas Falkland). Setor Pacífico (Chile, até a Ilha de Chiloé; Tasmânia; Nova Zelândia). Ocorre, preferencialmente no fundo, entre 6 e 1095 metros. HAIG (1956a) registrou ocorrências na superfície.

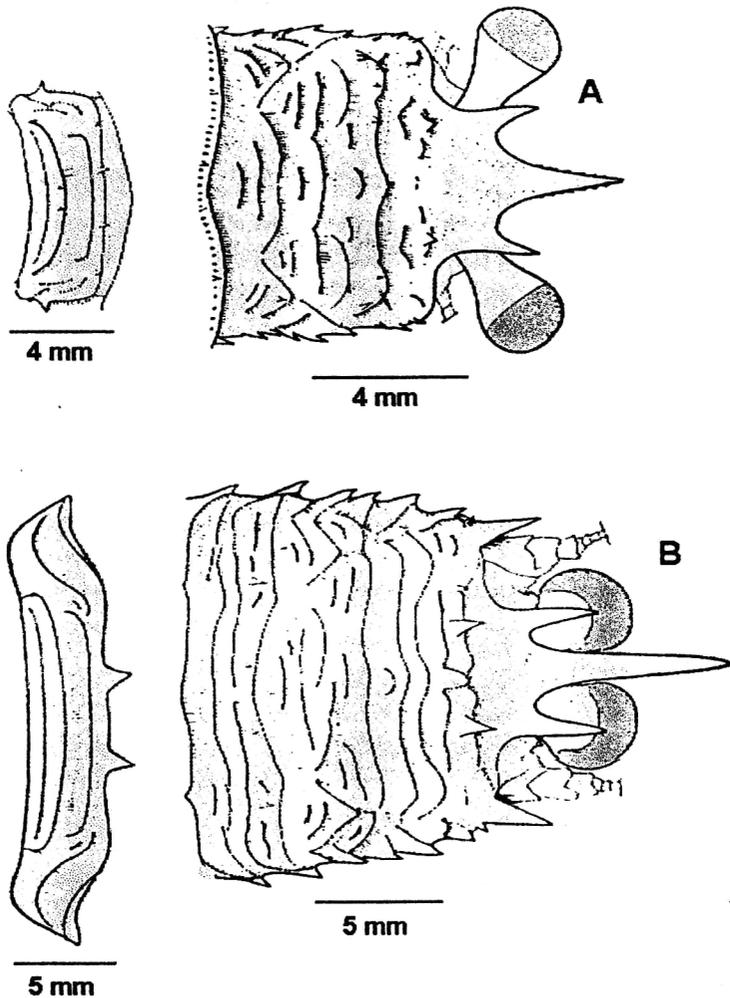


Figura 33 - *Munida gregaria*. A. forma pelágica: carapaça e segundo tergito abdominal; B. forma bêntica (= *M. subrugosa*): carapaça e segundo tergito abdominal (Fonte: RETAMAL, 1973, fig. 11-15).

Ocorrências -

Forma pelágica - FABRICIUS, 1793 - Atlântico Sul (37° 30' S, ? m, loc.-tipo). MIERS, 1881 - "Alert": Chile (Sandy Point, 12,6 a 18 m; Cockle Cove, 3,6 a 57,6 m; Canal Trinidad, 7,2 m). A. MILNE-EDWARDS, 1891 - "Miss. Sci. Cap Horn": Passo Brecknock. ORTMANN, 1911 - "Princeton Univ. Expedition Patagonia, 1896-99": Punta Arenas. STEBBING, 1914 - "Coleção R. Vallentin": Falkland (Roy Cove e Whales Bay, espécimes coletados na superfície). RAYNER, 1935 - "William Scoresby": Leste das Falkland (cardume de *M. gregaria*, avistado na superfície); "Discovery": Ilha Hermite e Cabo Horn (cardumes de *M. gregaria*, avistados nos portos dessas regiões). HAIG, 1956a - "Lund Univ. Expedition": Chile (Estreito de Magalhães, ests. M111; M113; M115, todas na área entre-marés). RETAMAL, 1973 - Chile (Bahía Inútil, Seno Otway, Estuário Fanny). BOSCHI, IORIO & FISCHBACH, 1981 - "Walther Herwig, 1973": Patagônia (est. 1053, 934 m); "Shinkai-Marú": Patagônia (Ushuaia). TAKEDA & HATANAKA, 1984 - "Kaiyo-Marú": Argentina (51° 05' S:

58° 59' W, 132 m). JILLETT & ZELDIS, 1985 - Nova Zelândia (Ilha Sul, grandes populações nadando próximas à superfície).

Forma bêntica [= *M. subrugosa*] - DANA, 1852 - "**U.S. Exploring Expedition**": Terra do Fogo (Ilha Hermit). MIERS, 1874 - "**Erebus**" e "**The Terror**": Nova Zelândia (Ilha Auckland). MIERS, 1881 - "**Alert**": Chile (Cockle Cove, 3,6 a 57,6 m; Canal Trinidad, 7,2 m). HENDERSON, 1888 - "**Challenger**": Patagônia (est. 304, 81 m; est. 305A, 225 m; est. 312, 18-27 m), Ilhas Falkland (est. 315, 9-22 m), Uruguai (Montevideo, est. 320, 1080 m). THOMSON, 1899 - Nova Zelândia (Otago Harbor; Ilha Stewart). ORTMANN, 1911 - "**Princeton Univ. Expedition Patagonia, 1896-99**": Punta Arenas e San Julian. STEBBING, 1914 - "**Coleção R. Vallentin**": Falkland (Roy Cove, 11 m e Whales Bay, 7,2 m). RAYNER, 1935 - "**William Scoresby**": Falkland e Patagônia (est. WS 246, 192-267 m; est. WS 772 162-309 m; outras estações não listadas). HAIG, 1956a - "**Lund Univ. Expedition**": Chile (est. M04, 13-16 m; est. M13, 0-6 m; est. M16, 40-55 m; est. M17, 30 m; est. M18, 35 m; est. M19, 5-6 m; est. M20, 15 m; est. M21, 25 m; est. M27, 45 m; est. M29, 25 m; est. M40, 100 m; est. M42, 70 m; est. M43, 30-40 m; est. M44, 200 m; est. M46, 13 m; est. M61, 39 m; est. M87, 6 m; est. M89, 25 m; est. M95, 6-7 m; est. M96, 11 m; est. M97, 14 m; est. M98, 8 m; est. M106, 36 m; est. M107, 60 m; est. M108, 15 m; est. M108, 15 m; est. M114).
(*continua*)

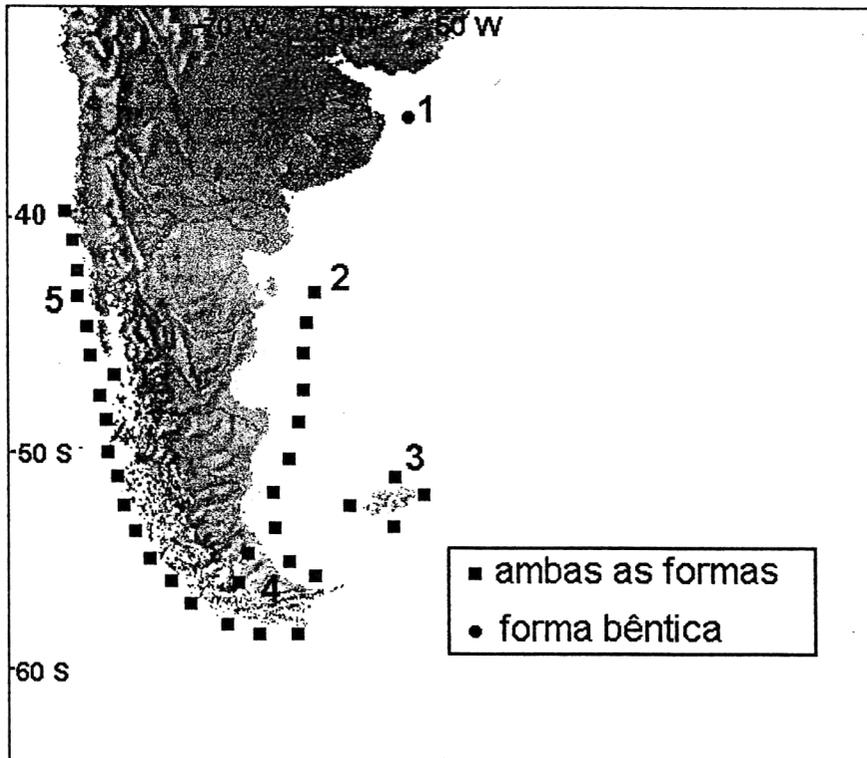


Figura 34 - Área de distribuição geográfica de *M. gregaria*: 1. "Challenger" (1 est.); 2. vários navios (costa Argentina); 3. vários navios (ao redor das Ilhas Falkland); 4. vários navios (Terra do Fogo, Estreito de Magalhães, Cabo Horn); 5. vários navios (costa chilena).

(continuação) YALDWYN, 1958 - "New Zealand Subantarctic Expedition": Nova Zelândia (Ilha Auckland e Carnley Harbor, conteúdo estomacal de peixes). GARTH, HAIG & YALDWYN, 1967 - "Royal Soc. Exp. to Southern Chile": Ilha Wellington (Puerto Eden, est. 25 e est. 42, 6-18 m). HAIG (1973) - "Endeavour": Sul da Austrália (40 mi SSW do Monte Cann, Victoria, 126 m), Tasmânia (Estreito de Bass, Ilha Flinders, Ilha Maria, Baía Oyster). RETAMAL, 1973 - Chile (Bahía Inútil, Seno Otway, Golfo Xaultegua). SCELZO, 1973 - "Walther Herwig, 1966": Patagônia (est. 351, 80 m; est. 371, 85 m). BOSCHI, IORIO & FISCHBACH, 1981 - "Walther Herwig, 1973": Patagônia (est. 541, 83 m; est. 1080, 105 m), Falkland (est. 1046, 165 m); "Shinkai-Marú": Patagônia (Ushuaia; est. 17, 133 m), Falkland (est. 53, 147 m; est. 357, 116 m).

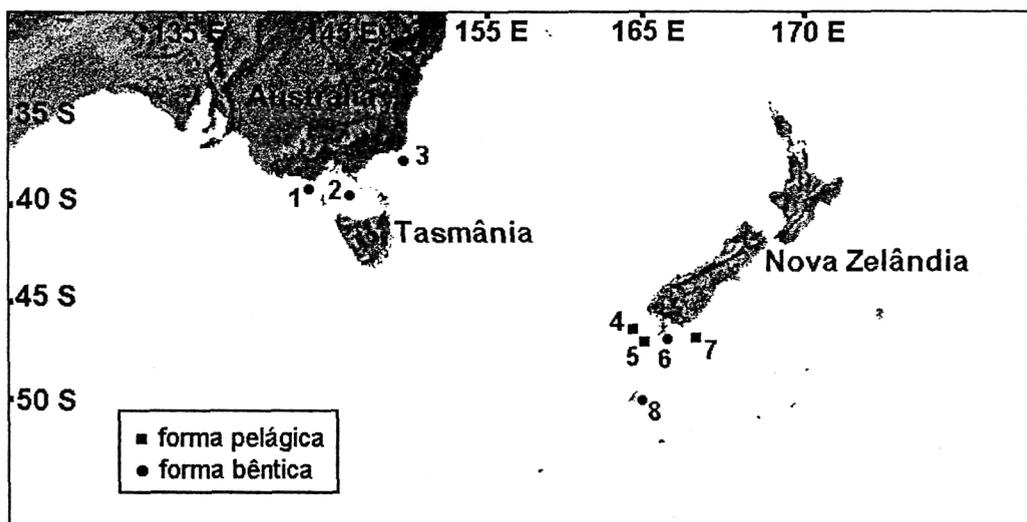


Figura 35 - Área de distribuição geográfica de *M. gregaria* (continuação): 1., 2. e 3. "Endeavour" (Estreito de Bass, várias est.); 4., 5. e 7. Nova Zelândia, relatos de grandes cardumes nadando na superfície; 6. Ilha Stewart (ver THOMSON, 1899); 8. "Erebus" e "The Terror" e "New Zealand S. Exp." (Ilha Auckland).

Observações - O histórico de *M. gregaria*, nos séculos XVIII e XIX, é confuso. FABRICIUS (1793) descreveu, brevemente, *Galathea gregaria*, fornecendo a seguinte localidade-tipo: "Atlântico Sul (37° 30' S)". O material descrito por FABRICIUS (*op. cit.*), provavelmente, encontra-se depositado no Museu Britânico. WHITE (1847), em sua lista dos crustáceos do Museu Britânico, cita, sem descrever ou figurar, *Galathea subrugosa*. Esse material é proveniente das Ilhas Auckland (Nova Zelândia), tendo sido coletado na expedição dos navios gêmeos H.M.S. "Erebus" e H.M.S. "The Terror". A literatura não especifica qual dos navios coletou o material, mas ambos navegaram juntos pelo Oceano Meridional, comandados por Sir James Ross, entre 1838 e 1843. Mais tarde MIERS (1874) forneceu descrição e figura para o material de WHITE (*op. cit.*), na verdade *Munida subrugosa*. Entretanto, a primeira citação do epíteto *subrugosa* no gênero *Munida*, deve-se à DANA (1852), que descreveu e figurou espécimes obtidos na Ilha Hermite (Terra do Fogo). Assim, alguns autores (BENEDICT, 1902; HAIG, 1973) creditaram, erroneamente, *M. subrugosa* à DANA (*op. cit.*).

Segundo THOMSON (1898) e CHILTON (1909), *M. gregaria* e *M. subrugosa* seriam sinônimas. Entretanto, prevaleceram as opiniões de LAGERBERG (1906) e MATTHEWS (1932), de que seriam espécies distintas. As características diferenciais apontadas por esses autores têm por base a forma da carapaça, o comprimento dos espinhos pós-orbitais, comprimento e forma do rostro, córnea e pedúnculos oculares. Essas conclusões foram aceitas por RAYNER (1935) e HAIG (1956a), porém, o excelente trabalho de WILLIAMS (1972), demonstrou que eram falhas. Este autor capturou exemplares de *M. gregaria* (forma pelágica) e acompanhou seu desenvolvimento em laboratório. Com o passar do tempo, os exemplares estudados, adquiriram a forma característica de *M. subrugosa*, passando a viver no fundo dos aquários. WILLIAMS (*op. cit.*), concluiu que indivíduos jovens possuem hábitos pelágicos e os mais velhos, hábitos bênticos; portanto, as mudanças morfológicas observadas ocorreriam em função dessa troca de ambiente (Figuras 36 e 37).

Os resultados descritos demonstram que *M. gregaria* e *M. subrugosa* são sinônimas, representando diferentes fases do ciclo de vida de uma única espécie. O nome *gregaria* (FABRICIUS, 1793), sendo mais antigo, tem precedência sobre o epíteto *subrugosa* (WHITE, 1847). Surpreendentemente esses resultados foram completamente ignorados pela maioria dos autores posteriores (RETAMAL, 1973; 1977; 1981; SCELZO, 1973; BOSCHI, IORIO & FISCHBACH, 1981; TAKEDA & HATANAKA, 1984).

Segundo JILLET & ZELDIS (1985) a forma pelágica de *M. gregaria* representaria um estágio pós-metamórfico facultativo. Isto é, se as condições do fundo fossem satisfatórias, este estágio não ocorreria. Esses autores afirmaram, ainda, que esse tipo de estágio pós-metamórfico é raro entre os Galatheidae, ocorrendo apenas em *M. gregaria* e *Pleuroncodes planipes*.

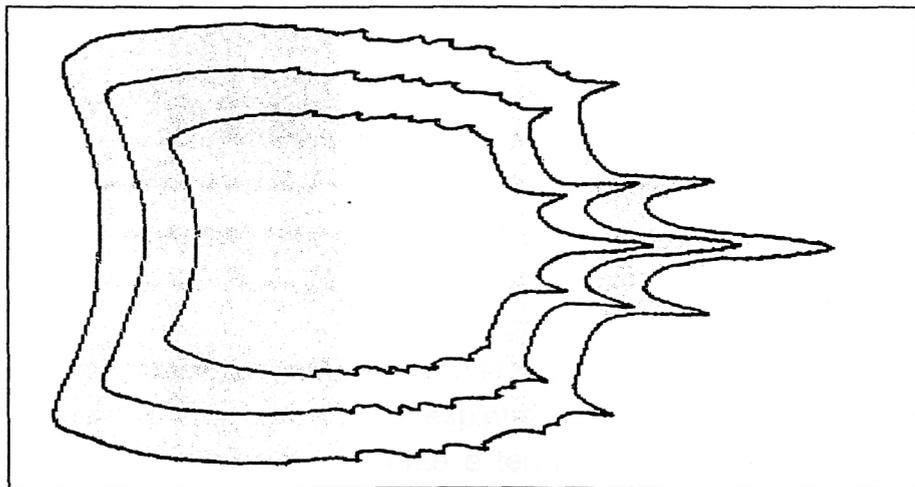


Figura 36 - Modificações morfológicas da carapaça, de exemplares de *M. gregaria* forma pelágica para *M. gregaria* forma bêntica. (Fonte: WILLIAMS, 1972: 207, fig. 16).

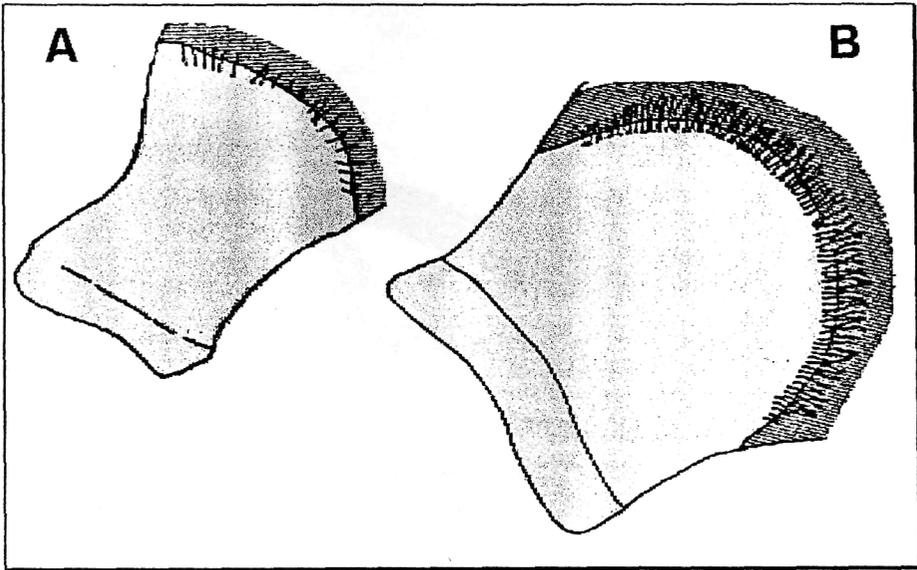


Figura 37 - Modificações morfológicas da córnea e pedúnculos oculares, de exemplares de *M. gregaria* forma pelágica (A.) para *M. gregaria* forma bêntica (B.) (Fonte: WILLIAMS, 1972: 207, fig. 16).

Munida guineae Miyake & Baba, 1970
(fig. 38)

Munida guineae Miyake & Baba, 1970: 81, fig. 7, a-e.

Diagnose - Carapaça com bordas levemente arqueadas. Espinho orbital externo seguido por 6 espinhos laterais. Área gástrica com uma linha de 6 espinhos epigástricos e 1 par mesogástrico. Regiões branquiais anteriores armadas com 1 espinho cada. Um espinho pós-cervical de cada lado da carapaça. Restante da carapaça desarmada. Espinhos supra-oculares não atingindo a margem distal da córnea. Segundo, terceiro e quarto tergitos abdominais com a margem anterior armada por, respectivamente, 6, 4 e 4 espinhos. Pedúnculo antenular com 2 espinhos laterais externos no segmento basal; espinho terminal interno ausente e terminal externo longo. Pedúnculo antenal com o primeiro e segundo segmentos armados. Terceiro maxilípodo com 1 grande espinho na margem ventral do meropodito.

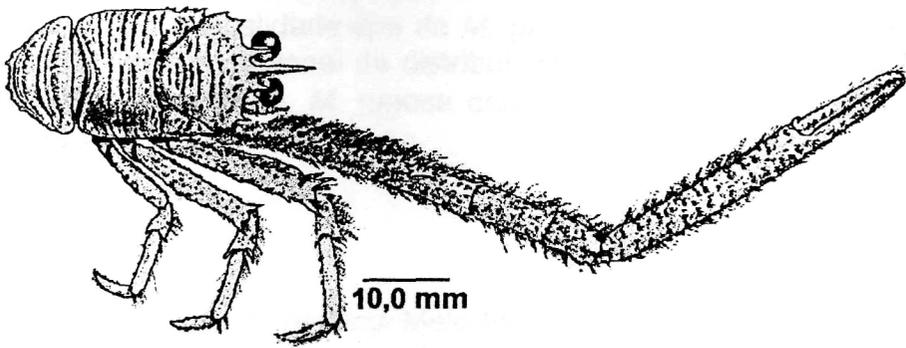


Figura 38 - *Munida guineae* (Fonte: MIYAKE & BABA, 1970: 82, fig. 7a, holótipo).

Distribuição geográfica e batimétrica - Atlântico Oriental: Golfo da Guiné. Coletada apenas na localidade-tipo, entre 260 e 650 metros.

Ocorrências - MIYAKE & BABA, 1970 - "Atlantide": África (Golfo da Guiné, ao largo do Rio Muni, est. 120, 260-650 m, loc.-tipo).

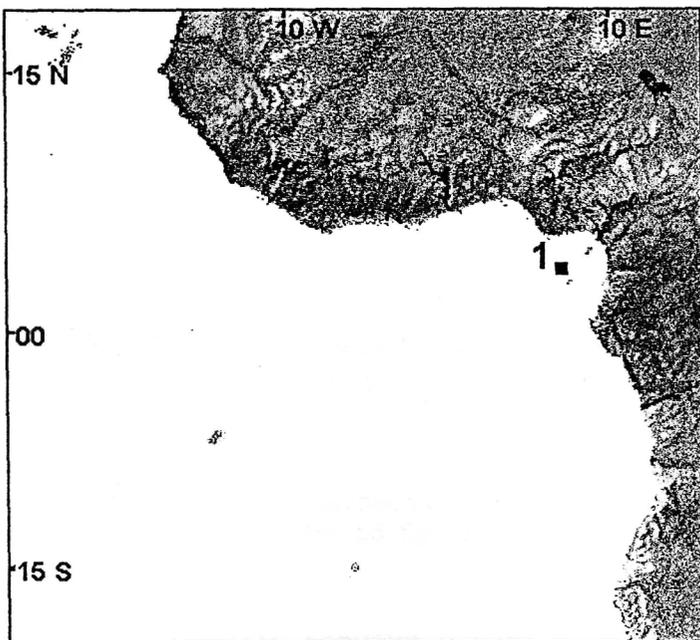


Figura 39 - Área de distribuição geográfica de *M. guineae*: 1. "Atlantide" (1 est., loc.-tipo).

Observações - Segundo MIYAKE & BABA (1970), *M. guineae* é uma espécie muito semelhante à *M. rugosa*, diferindo desta por não possuir o espinho terminal interno do segmento basal do pedúnculo antenular. Considero uma